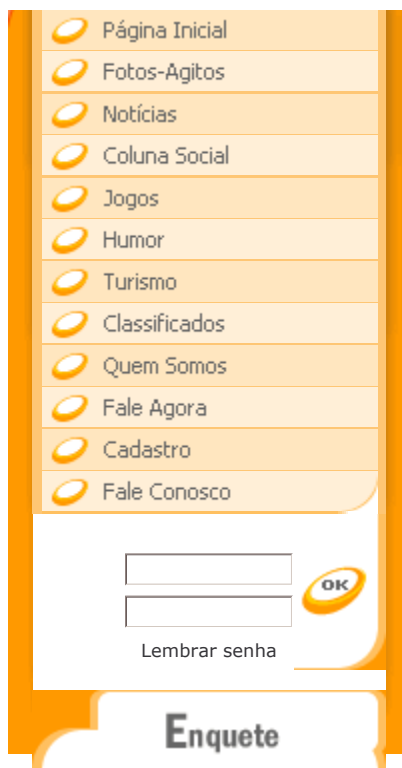




Poconé, 09 de



Notícia.

IDH pior que o do Uruguai



Comemorando o quê, cara pálida?

O governo Lula está em festa. O Brasil, segundo trombeteia toda a Imprensa e entoam os discursos oficiais, chegou pela primeira vez ao grupo de países com um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que coloca o país no grupo das 70 nações mais desenvolvidas no quesito qualidade de vida. O resultado foi divulgado, nesta terça-feira (27), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD) e os dados utilizados pela pesquisa são de 2005.

Ufa! Até que enfim chegou lá, mas na rabeira do grupo, ou seja, o último colocado entre os 70, porém já é motivo para Lula e a petezada comemorarem esse feito. E o fazem como se fosse uma realização única e exclusiva de seu governo, e não parte de um processo de desenvolvimento econômico e social iniciado lá atrás, em outras administrações - aliás, bem mais competentes, porque fizeram a economia crescer e iniciaram a política de redistribuição de renda em uma fase adversa e não tão próspera da economia mundial, como a que se verifica agora.

Por sinal, um processo de evolução social lento e sofrido demais, quando comparado com outros países que romperam a barreira que separa sociedades miseráveis de outras em melhores condições de vida, de forma menos dolorosa e mais célere. Sem ter que conviver com os alarmantes índices de mortalidade infantil que ainda assolam o Brasil, sobretudo naquelas regiões - praticamente a metade da área habitada do país - sem os serviços de saneamento básico.

Aqui mesmo na América do Sul, países como a Argentina, em 38º lugar. Chile (40º) e Uruguai (46º) estão bem melhores posicionados, embora não desfrutem de territórios abundantes e nem das riquezas naturais como as que privilegiam o Brasil, e estão longe de competir com a força e o tamanho da economia brasileira. Mas, no decurso da história, tiveram - e têm - elites e governantes preocupados com o bem estar social de suas populações. E aí reside a diferença entre nós e eles.

Enquanto os petistas comemoram o "avanço" nos indicativos do IDH, a Fundação Getúlio Vargas, através de um estudo feito em parceria com a organização não governamental (ONG) Trata Brasil, aponta que a falta de saneamento básico afeta de forma direta a mortalidade na faixa etária de um a seis anos. O levantamento, coincidentemente, foi divulgado também nesta terça-feira.

O descalabro do saneamento

A criança nessa faixa etária, acima de um ano, ao contrário das que são ainda bebês e não conseguem se deslocar por conta própria, estão sujeitas a um contato maior com as áreas insalubres, com esgotamento correndo a céu aberto e ou armazenado em fossas precárias, exalando mau cheiro e podridão nos fundos de quintais, vielas e guetos espalhados por vilas e cidades por este Brasil afora...

De acordo com o estudo da FGV e da Ong Trata Brasil, a chance de uma criança de um a seis anos morrer pelo fato de que não dispõe de esgoto tratado é 32% maior do que uma criança criada em ambiente com esgoto





Procurar por:

NO SITE

NA INTERNET

tratado. A pesquisa também mostra que o esgoto não tratado aumenta em 30% as chances de crianças morrerem ainda no útero.

E o mais preocupante é que, no ritmo atual, "a universalização do acesso a esgoto tratado no Brasil só deve acontecer por volta do aniversário de 300 anos da independência do País, daqui a 115 anos, em 2122", revela o estudo.

São sobre esses números que o governo precisa refletir, antes de entrar no oba-oba e deslanchar, conforme dá para se prever, mais uma campanha massificante, estilo "lavagem cerebral" no povão, sobre um IDH que ainda está muito aquém dos padrões considerados como de vida realmente digna para todos.

Em tempo: por uma questão de justiça, nem o governo Lula pode ser totalmente responsabilizado pelo descalabro na área de saneamento básico do país, e tampouco pode colher os frutos, sozinho, de uma pequena melhora no IDH. Já quanto ao caos do saneamento, trata-se uma herança maldita de décadas e que tem origem na visão política distorcida de que esgoto, por ficar soterrado, é uma obra que não "aparece". Ao contrário dos chamados "elefantes brancos" (obras vistosas e de fachada) e, por isso, não renderia aos governantes, popularidade e votos.

Mário Marques de Almeida é diretor do site e jornal Página Única



© 2003 PoconeOnline - Todos os direitos reservados

DigitalArt